

# A FÍSICA DA PHYSIS

IVO ASSAD IBRI

Ao empreender a construção de uma Filosofia Cosmogônica ao modo dos antigos gregos, Peirce previamente já houvera desconstruído o estatuto do sujeito constituidor com seu Realismo dos Universais, fazendo corresponder uma homologia entre *significado e realidade*. Esta desconstrução de um antropocentrismo aproxima sua filosofia daquelas em que a subjetividade não encerra dentro de si a exclusividade da forma e, com ela, todo o plano de uma generalidade ontológica, ao modo de um nominalismo tão em voga nas filosofias moderna e contemporânea.

Em 1892, Peirce publica, no *The Monist*, o artigo “The Doctrine of Necessity Examined”<sup>1</sup> onde, de início, considera no pensamento grego aquelas doutrinas que incorporaram a idéia de Acaso a suas cosmologias, a exemplo das de Epicuro e de Aristóteles, em contraposição à de Demócrito, que Peirce reputa com o primeiro mecanicista da História.

De fato, na Física<sup>2</sup>, Aristóteles afirma que os eventos ocorrem ou com causas determinadas, ou por pura acidentalidade sem causa definida. Esta idéia, tão familiar à maioria dos antigos se perdeu na modernidade, seja por influência da Física de Galileu e de Newton, univocamente ligada ao Racionalismo Humanista da Renascença, seja por um subsequente

---

Ivo Assad Ibri é professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-SP.

Racionalismo Iluminista que, necessária e ideologicamente, fez a apologia de um saber determinado, determinante e libertário. Para este período da História, a acidentalidade parecia ainda sugerir um resquício místico-teológico no seu papel construtivo da liberdade humana, conquista tão cara, mercê da Ilustração, diante do poder do clero e da aristocracia.

Mais de vinte séculos se passaram até que a Física contemporânea rendeu-se diante do Inferno de Dante que é o interior do átomo, incorporando um explícito indeterminismo no nível do objeto. A acidentalidade é resgatada como forma de dar conta dos fenômenos microscópicos, e esta idéia acaba se estendendo para a macroscopia da investigação em ciência e tecnologia.

Contudo, já no século XIX, Peirce ao construir sua Cosmogênese, havia resgatado a idéia antiga de acidente, agora à luz da evolução da Lógica das Probabilidades e do clima evolucionista que caracteriza e permeia o pensamento daquele século<sup>3</sup>.

É assim que a Cosmogênese peirceana contém o explícito vetor caos-cosmos, resgatado da Filosofia Antiga, complementando-o com a Teoria do *Continuum* ou *Sinequismo*, termo derivado do grego *synechês*<sup>4</sup>.

A formação do mundo se dá concomitantemente com a formação de suas três categorias, agora cosmológicas, na forma *liberdade, existência e lei*, traduzindo *primeiridade, segundidade e terceiridade*.

Como Filosofia genética, o pensamento cosmológico de Peirce inicia-se especulando:

“A Metafísica tem de considerar o universo completo do ser. Ela tem, portanto, de fazer algo como supor um estado de coisas no qual o Universo não existia e considerar como ele poderia ter surgido.”<sup>5</sup>

É, neste ponto, importante acentuar que, sob o ponto de vista de uma filosofia objetivamente idealista, a questão sobre o surgimento do Universo, embora formulada na contemporaneidade e, não obstante, antes das atuais cosmologias desenvolvidas pela Física, não poderá se satisfazer com as respostas que desta, hoje, se dispõe. Em outras palavras, exemplificando, a aceita teoria do *Big-Bang* é, tão somente, forte conjectura sobre o surgimento do mundo *material*, como, de fato, tematicamente, teria de ser no âmbito da Física.

Contudo, o Idealismo peirceano retroage a um mundo pré-material, considerando a matéria um “estágio envelhecido da mente”<sup>6</sup>. Por extravagante que esta doutrina possa parecer à primeira vista, lembrando uma

Metafísica já banida pela Filosofia Crítica de Kant, ela tem seus fundamentos teóricos muito bem arquitetados no interior do pensamento de Peirce<sup>7</sup>, sem apelo a uma inaceitável dependência da Lógica em relação à Metafísica.

Com estas ressalvas, voltemos a palavra ao autor:

“A condição inicial, antes da existência do Universo, não foi o estado de um ser puro abstrato. Ao contrário, foi um estado de simplesmente *absoluto nada*, nem mesmo um estado de vazio, pois mesmo o vazio é alguma coisa. Se vamos proceder de um modo lógico e científico, devemos, a fim de considerarmos todo o Universo, supor uma condição inicial na qual o universo foi não existente e, assim, um estado de *absoluto nada*.”<sup>8</sup>

Conquanto difícil supor um *absoluto nada*, distinguindo-o devidamente de um espaço vazio, uma vez que *espaço* é, como se sabe, algo ordenado de dimensionalidade definida, o texto peirceano procura em seguida mostrar o que este nada *não é*, evitando algumas confusões possíveis:

“Começamos, então, com o nada, puro zero. Mas isto não é o nada da negação, porquanto *não* significa *outro que*, e outro é sinônimo do numeral ordinal *segundo*. Como tal, ele implica um *primeiro*, enquanto o presente puro zero é anterior a todo primeiro.”<sup>9</sup>

É nítida a cautela lógica do autor, ao distinguir nada de não, palavra que envolve a idéia de outro, de alteridade, inconcebível num estado de coisas genético que, por si só, exclui o primeiro com o qual este segundo se dualiza. Tal estado de coisas genético antecede, assim, os modos de ser das categorias de Peirce em seu matiz ontológico.

Esclarecendo, o autor prossegue:

“... O nada da negação é o nada da morte, que se torna segundo, ou posterior a todas as coisas. Mas este puro zero é o *nada de não ter nascido*. Não há nenhuma coisa individual, nenhuma compulsão, externa ou interna, nenhuma lei. É o nada germinal, no qual todo o Universo está envolvido ou prenunciado. Como tal, ele é possibilidade absolutamente indefinida e ilimitada – possibilidade sem fronteiras. Não existe nenhuma compulsão e nenhuma lei. Ele é liberdade sem fronteiras. Deste modo, nenhuma necessidade havia de um ser potencial no estado inicial.”<sup>10</sup>

Ora, deste nada, nada necessariamente deve surgir ou nascer. Um estado de liberdade ilimitada não pode dar início a algo necessário – dedutivamente necessário. Por esta razão, Peirce afirma não ser possível tratar este estado de coisas genético à luz da dedutividade lógica. Desenha-se, também, em sua Cosmologia, uma lógica da liberdade, concebida pelo autor como Lógica da Abdução. Vejamos a próxima passagem:

“Digo que nada ‘necessariamente’ resultou do Nada de liberdade sem limites. Isto é, nada de conformidade com a lógica dedutiva. Mas tal não é a lógica da liberdade ou possibilidade. A lógica da liberdade, ou potencialidade, é aquela que *anulará* a si mesma, pois se ela não se auto-anular, permanecerá completamente inútil, uma potencialidade do nada fazer; e uma potencialidade completamente inútil é anulada pela sua própria inutilidade.”<sup>11</sup>

Uma mágica espécie de dado de infinitas faces deve-se preparar para um jogo de infinitas possibilidades. Um potencial jogo que não é jogado se descaracteriza como tal: anula-se por recusar-se a ser. Contudo, quaisquer lances demandarão uma definição de um estado absolutamente indefinido e definir-se é anular, por seu viés, a absoluta liberdade ilimitada. Inequivocamente se demonstra que aquele dado se lançou a alguma forma de definição: estamos, agora, como conseqüência dela, refletindo sobre ele.

No restrito espaço dedicado a este texto, devemo-nos confinar à exposição abreviada dos passos seguintes, conquanto insatisfatória em seus pormenores ela possa parecer ao leitor.<sup>12</sup> Não obstante tal limite, pode-se antecipar que o Universo surge através de três modos de ser, desenhados pelas três categorias do autor. Um continuum de qualidades é o primeiro passo a partir daquela liberdade absoluta: seu modo de ser como primeiro é já uma definição da potência ilimitada para uma potência de algum tipo, isto é, de qualidades amalgamadas numa totalidade que, de sua vez, constitui uma qualidade una. Não há, ainda, propriamente, existência, ou seja, um locus da alteridade onde há dualidade de contrários. Esta idéia de existência, de gênese escolástica, requererá um passo adiante, em que o uno se fragmenta em particulares, que se opõem entre si. Somente a existência, nestes termos, constituirá, propriamente, exterioridade: *ex-sistere*, na sua raiz proverbial, que significa externo que permanece como tal.

É, então, aquele *primeiro*, apenas mundo *interior* pré-existência, ou, em outras palavras, pré-exterioridade. De fato, a seqüência de gênese do Universo está subsumida aos três modos de ser configurados pelas

Categorias – *primeiridade, segundidade e terceiridade*, sendo óbvio que aquele *continuum* de qualidades, na sua unidade, associa-se à primeiridade.

De outro lado, verifica-se como este *primeiro continuum* é da natureza de uma interioridade, antecedente a qualquer exterioridade que, é de se esperar, estará vinculada à segunda categoria. Nas palavras do autor:

“A distinção entre mundos interno e externo antecede o Tempo... O mundo interno a que me refiro é alguma coisa muito primitiva. A qualidade original em si mesma, com sua qualidade imediata pertenceu àquele mundo interno, um mundo de possibilidades, o mundo de Platão. A reação acidental despertou-o para uma consciência de dualidade, de conflito e, portanto, de antagonismo entre um interno e um externo. Assim, o mundo interno foi primeiro, e sua unidade advém daquela primeiridade. O mundo externo foi segundo...”<sup>13</sup>

Aqui cabe um breve comentário. Interessante observar como Peirce considera o Mundo de Platão um mundo de possibilidades. Parece aceitável compreender o Mundo das Idéias como um mundo da interioridade divina. Deste ponto, complexifica-se a possibilidade de identidade do Mundo das Idéias com um *continuum* de qualidades. A solução para esta identidade parece estar nas seguintes considerações:

- *todo* mundo interior, em sua congênita unidade, é um mundo de possibilidades. Na sua generalidade e universalidade, as formas do Mundo das Idéias não determinam um único mundo existente: todos eles são, como exterioridade, possibilidades concretizáveis;
- nenhuma temporalidade se interpõe, seja no Mundo das Idéias, seja naquele primeiro *continuum* de qualidades. A ausência do tempo impõe a natureza mesma de toda imediatidade que configura o Mundo das Idéias e todo *continuum* interior.

Conquanto este breve paralelismo com a Metafísica de Platão, a Metafísica de Peirce, repetimos, não comete o erro de subsumir a Lógica, nem de transgredir a experiência possível. Este é um dos pontos mais delicados da construção peirceana: afinal o que é experiência? Estaria ela confinada à multiplicidade sensível oriunda da exterioridade? Não é esta, absolutamente, a posição de Peirce. Buscando uma filosofia que supera uma dicotomia de princípio entre sujeito e objeto, presente em tantas filosofias, o autor irá considerar o mundo da interioridade humana um universo de experiências que substancializarão muitas de suas doutrinas. O conceito de experiência, muito bem delineado na Fenomenologia de Peirce, tem uma

abrangência que permeia, indiferentemente, a interioridade e a exterioridade humanas.<sup>14</sup> Legitima-se, por conseguinte, numa Filosofia em que há uma co-naturalidade entre mundos interior e exterior, apreender *aquilo que aparece* com o olhar voltado tanto para a exterioridade como para a interioridade:

“É por esta razão que me atrevo a ir à mente humana para aprender a natureza de um grande elemento cósmico.”<sup>15</sup>

Não tão somente aquele elemento cósmico de um *continuum* de qualidades, cuja unidade é detetável na consciência imediata, uma consciência de *todo* em que a noção de sujeito está ausente, pura presentidade fenomenológica que caracteriza a experiência de *primeiridade*, inserir-se-á, também, extraído do universo experiencial da interioridade humana, o conceito de *hábito*, fulcral para a explicação peirceana para o surgimento da ordem, na forma de leis da Natureza, com se verá adiante.

Todavia, antecedendo o surgimento da ordem, e após aquela unidade do *continuum* de qualidades, dá-se o passo para a existência, tal qual se a conceituou: exterioridade de particulares, que se opõem entre si. Tal passo é dos mais complexos na Cosmologia de Peirce, demonstrando-se, através de um teorema matemático, que aquele *continuum*, envolvendo múltiplas dimensões possíveis, deve se fragmentar numa seleção arbitrária de qualidades, uma vez não existir algo como um único *continuum* que subsuma dimensionalidades distintas.

Desta fragmentação daquele *continuum* genético é que, então, resulta a

“... existência, a arbitrária e cega reação contra todos os outros modos de combinação acidental de qualidades... a existência individual depende da circunstância de que *nem tudo que é possível é possível em conjunção*... A sua qualidade de ser isto (thisness) consiste em sua reação sobre a consciência e em eliminar outras possibilidades de assim reagir”.<sup>16</sup>

A existência envolve escolha; o dado de infinitas faces, da potência ao ato, terá a concretude de uma delas. A angústia sartreana de escolher é, antes, do mundo:

“Tem sido dito freqüentemente que a diferença entre o mundo real e um sonho é que o mundo real é coerente e consistente. Sem dúvida, esta é a característica principal. *Os eventos reais conspiram como se fossem contrários aos irrealis, porque não há espaço para todos.*”<sup>17</sup>

Que existência podemos supor constituir tal exterioridade, acidentalmente formada por fragmentação da unidade inicial? Passemos, novamente, a palavra ao autor:

“Colocamo-nos, então, no início do Tempo. Qualidades já são possíveis. A existência efetiva se iniciou. Surgem reações acidentais. São estabelecidos diversos contínuos. Uma tendência à generalização é operativa. Não se pode, porém, ainda dizer que alguma coisa exista; muito menos, alguma consciência pessoal. As reações acidentais são puramente acidentais, não reguladas em qualquer grau por qualquer lei; constituem o trabalho do Acaso cego e brutal.”<sup>18</sup>

Trata-se, então, de uma existência de *continua* fragmentários sob nenhuma ordem, ou, em outras palavras, de um caos de fragmentos de qualidades que se destacaram daquela unidade *primeira*, sob um modo de ser de uma *segundidade* bruta.

O terceiro estágio desta Cosmogênese, como seria de se esperar, constituirá a formação da ordem e, com ela, a temporalidade:

“... a tendência à generalização, que já é operativa e que, de fato, é mais antiga que a própria existência, começa a agrupar as reações acidentais em contínuos fragmentários. Em contínuos, porque tal é a natureza lógica da generalização. Em contínuos fragmentários, porque a tendência à generalização tem de lutar com a brutalidade sem lei do Acaso, com seu frescor jovem e vivacidade ebuliente.

... Esta foi a primeira das leis da natureza e esteve e ainda está continuamente reforçando a si mesma. Um hábito de adquirir hábitos começa a ser estabelecido, e um hábito de reforçar o hábito de reforçar hábitos, e um hábito de reforçar aquele hábito e assim por diante, ad infinitum”.<sup>19</sup>

Esta identificação da idéia de *hábito* com a de *lei*, no sentido de uma regra de conduta que produz resultados semelhantes e, portanto, ordenados, é uma das idéias mais originais de Peirce. Observe-se que da passagem anterior não se depreende, tão somente, esta identidade, mas, também, a de *tendência de aquisição de hábitos*. Tal tendência é típica do universo mental e, por isso,

“A primeira coisa que demanda nossa investigação é que a conduzamos para uma idéia clara e distinta do que sejam hábito e aquisição

de hábito. *Podemos unicamente aprender isto estudando-as onde as vemos em formação na mente humana.* Ao fazê-lo, não estou muito receoso de especializar demais e de assumir que o Universo tem caracteres que pertencem apenas ao protoplasma nervoso em um complicado organismo, porquanto devemos lembrar que o organismo não constituiu a mente, mas, apenas, a ela se adaptou. Adaptou-se por um processo evolucionário tal que não está longe de ser correto considerar que a mente é que constitui o organismo.”<sup>20</sup>

Profundos estudos da natureza do hábito, tratado pelo viés lógico, permeiam a obra peirceana. Não cabe, no ensejo deste texto, expor este conceito em sua complexidade, minúcias e conseqüências.<sup>21</sup>

Cumprido, contudo, frisar que na seqüência lógica da Cosmogênese, no âmbito da filosofia de Peirce, é nítido o surgimento da ordem como *terceiro* passo, constituindo o modo de ser da terceira categoria, a *terceiridade*, complementando o vetor caos-cosmos, tão freqüente na Filosofia dos antigos gregos.

Depreende-se, também, que esta ordem é evolucionariamente constituída, sob a tendência de aquisição de hábitos. Importante, aqui, é ressaltar que, simultaneamente, esta é a gênese do Idealismo e do Realismo que tipificam a Filosofia peirceana. Idealismo porque o Universo surge como *primeiro* na forma de um *continuum* de qualidades de natureza interior. Tais qualidades fragmentadas em suas múltiplas dimensionalidades e sob cego Acaso ordenam-se em contínuos sob uma tendência, típica do universo mental, de adquirir hábitos, de generalização. Trata-se, é verdade, de um Idealismo que traduz, objetivamente, um substrato eidético congênito à própria formação evolucionária do Universo e, não, de um Idealismo subjetivo, isto é, trancafiado em uma subjetividade humana constituidora, tal como, com ele, se matizam filosofias nominalistas e antropocêntricas.

A propósito, em nenhum momento desta Cosmologia se introduziu a figura do humano sujeito, até porque toda esta construção precede, de um lado, ao surgimento do homem e, de outro, à constituição da matéria, tal qual ela foi modernamente conceituada. Neste aspecto, matéria, lembremos, é para Peirce tão somente “*mente esgotada por hábitos inveterados*”.<sup>22</sup>





Retomando aquele dado de infinitas faces, metáfora de nossa inteira responsabilidade, cujo aleatório lançar-se caracteriza a acidentalidade deste Universo e o torna um dentre tantos possíveis, devolvamos a palavra ao autor:

“Esta existência é, presumivelmente, uma existência especial. Não necessitamos supor que toda forma necessita, para sua evolução, emergir neste mundo, mas, apenas, que ela necessita adentrar algum dos teatros de reações, *entre os quais este é um.*”<sup>23</sup>

Há, então, uma universalidade como evolução, aprendizado, e crescimento extraíveis do particular “teatro de reações” que é *este* Universo, na sua particularidade e idiosincrasia existenciais.

Reivindicando para a Metafísica o estatuto de Ciência do Ser ou da Realidade e requerendo para ela procedimentos científicos similares aos das ciências especiais, Peirce constrói, não obstante, uma Cosmologia, cujo caráter genético remonta a um mundo pré-material, mundo, a propósito, de onde parte a Física na sua investigação das leis da Natureza. Assim, poder-se-ia considerar a Metafísica de Peirce uma *Física da Physis*, dada a associação de um método de investigação estritamente baseado na experiência, conquanto, conforme exposto, amplificou-se desta o espectro e alcance, com um objeto que, como Natureza, se assemelha muito mais a uma visão grega, particularmente platônica, substancializada de idealidade e distante da dicotomia mente-matéria de origem moderna.

## NOTAS

1. CP-6.35-65.
2. Livro II, caps 4, 5 e 6.
3. Ibri (1992), Cap. 3.
4. Ibidem, Cap. 4
5. CP-6.214.
6. CP-6.24-25. Esta idéia, a propósito, é emprestada por Peirce da Filosofia da Natureza de Schelling. Abordamos esta relação entre os dois autores em Ibri (1994).
7. Vide Ibri (1992), Cap.4.
8. CP-6.217.
9. Idem, Ibidem.
10. Idem, ibidem.
11. CP-219.
12. Desenvolvemos minuciosa exposição da Cosmologia de Peirce em Ibri (1992), cap. 5
13. NEM, V4-p.141.
14. Vide Ibri (1992), Cap. 1. Em CP-7.527(), Peirce afirma: "Em filosofia, a experiência é o inteiro resultado cognitivo do viver".
15. Ainda, em CP-1.426 ( ), encontra-se: "Experiência é o curso da vida". Em resposta ao Empirismo de Stuart Mill, Peirce replica: "... admitir que experiência é a única fonte de qualquer conhecimento, aceito amplamente, contanto que por experiência ele signifique história pessoal, vida. Mas se ele deseja que eu admita que experiência interna nada seja..., ele me pede o que não posso aceitar" (CP-4.19).
15. NEM, V4-p.141.
16. NEM, V4-p.135.
17. Idem, Ibidem.
18. NEM, V4-p.139-140.
19. Idem, Ibidem.
20. NEM, V4-p.142.
21. O leitor poderá, sobre o conceito de hábito na obra peirceana, examinar, exemplarmente, CP-7.468-523.
22. Vide nota 8, neste texto.
23. CP-6.192-195.

## BIBLIOGRAFIA

- EISELE, Carolyn (ed.). *The New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce*. The Hague, Mouton, 1976, 4 vols. Mencionamos esta obra como *NEM*, seguida do Volume e página(s) correspondente(s).
- HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul and BURKS, Arthur (eds.). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge, Harvard University Press, 1931-35 e 1958; 8 vols. Mencionamos esta obra como *CP*, seguida do Volume e parágrafo correspondente.
- IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noétos – A Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo, Perspectiva / Hólon, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Kósmos Poietikós – Criação e Descoberta na Filosofia de Charles S. Peirce*. Tese de Doutorado – USP – inédita.